

## André Evangelista Marques

Escrever um testemunho que dê conta da experiência que fiz e da avaliação que faço do Ano Paulino que agora finda implica, antes de mais, um acto de contrição da minha parte. Contrição que resulta de um empenhamento que ficou muito aquém do compromisso a que todos fomos chamados. Falhei-o em boa parte. E por isso fica seriamente limitado o interesse do meu testemunho e o alcance da avaliação que me é pedida.

Quando pelos primeiros meses de 2008 soube da convocação pelo Papa Bento XVI de um Ano dedicado a Paulo, sucessivamente repercutida pelas notas pastorais que a este propósito emitiram a Conferência Episcopal Portuguesa e, especificamente para a diocese do Porto, os Senhores Bispos D. Manuel Clemente e D. António Taipa, fiz planos de ler, finalmente, o corpo das cartas paulinas de uma assentada. Apesar da familiaridade resultante tanto do contacto com estes textos em contexto litúrgico como de outras leituras igualmente parciais e fragmentárias, nunca até então tinha feito uma leitura dos escritos de Paulo como um todo, atenta ao universo de sentido que ele encerra. Continuo sem o ter feito. Mas a verdade é que, no entretanto, (re) publicou-se em Portugal um conjunto assinalável de obras sobre a figura e a teologia do "mestre dos gentios", que muito ajudaria a sustentar uma leitura contextualizada das cartas paulinas. Bastará uma ronda pelas secções de Religião/Espiritualidade de uma qualquer livraria para o confirmar. Por iniciativa das estruturas eclesiais ou de círculos que lhe são próximos, mas também de meios seguramente não conotados com a Igreja, veio a lume um conjunto significativo de materiais - do grosso volume ao panfleto - que decididamente ajudaram a projectar a figura de Paulo para lá mesmo do horizonte eclesial a que, à partida, poderíamos esperar restringir-se a carga evocativa e celebrativa deste Ano Paulino. Bons exemplos de iniciativas localizadas mas que terão contribuído significativamente para projectar esta carga parecem-me, para

citar apenas dois que recordo: a brochura editada pela Comissão Diocesana do Ano Paulino da Diocese do Porto (*Ano Paulino. Aprender a Missão com São Paulo*), que coligiu em bom tempo materiais de apoio a sessões de *lectio divina* e de reflexão, a celebrações da Palavra e a cursos de iniciação à mensagem de S. Paulo, e foi depois prolongada no completo dossier que o *site* da Diocese do Porto (<http://www.diocese-porto.pt>) dedica ao Ano Paulino; ou a exposição da pintura de Ilda David em torno das Cartas de S. Paulo, organizada pelo Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo da Arquidiocese de Braga. Destinada essencialmente aos fiéis, a primeira, e votada possivelmente a um 'público' mais alargado, a segunda, parecem-me ambas exemplos a reter e sinais evidentes do esforço da Igreja, que avalio como muito positivo, para *anunciar* a figura de Paulo e, através dela, a mensagem que o Apóstolo foi, também ele, chamado a anunciar-nos.

Ao mesmo tempo, sucederam-se as iniciativas sob a égide de S. Paulo, e dos mais variados tipos: celebrações da Palavra e Eucarísticas, sessões de leitura e *Lectio divina* de textos paulinos, retiros e colecções, encontros de reflexão, catequeses, cursos de iniciação ao pensamento e à espiritualidade paulinas, tertúlias, orações, peregrinações na senda dos itinerários do Apóstolo, etc.. De tudo isto fui tendo notícia, apesar da minha limitada participação. Pude comprová-lo, nesta Igreja do Porto, e como membro do Secretariado Diocesano da Pastoral Universitária, em várias circunstâncias. A título de exemplo, bastará invocar coisas tão simples como o recurso a textos sobre S. Paulo em algumas das nossas reflexões comuns, ou a sua selecção para o *Informa* (o suplemento informativo editado mensalmente pela PU - <http://www.puporto.org/>). Ou ainda a Noite Paulina (*Partir com Paulo. Um encontro de porto em Porto*), organizada pelo Grupo Interconfessional Universitário do Porto (GIUP), que nos levou, em percurso itinerante, a seguir as *pistas* que, em cada etapa, a Palavra de S. Paulo, as propostas de reflexão e de oração e a música nos iam lançando. Não tenho qualquer dúvida – e este é o segundo ponto francamente positivo da minha avaliação - de que, graças a uma enorme paleta de propostas, a evocação de Paulo permeou, durante este último ano, toda a vida eclesial da diocese. Mesmo para aqueles que, como eu, andaram mais *distraídos* deste programa celebrativo, a voz de Paulo fez-se ouvir em muitas e variadas circunstâncias.

É certo que algumas destas propostas não terão tido uma divulgação *a priori* e uma repercussão *a posteriori* ideais (a consulta do Calendário Diocesano editado em Setembro de 2008, por exemplo, devolve apenas duas referências a iniciativas directamente relacionadas com o Ano Paulino). Como será de sublinhar a dificuldade em fazer passar a carga celebrativa que animou este último ano para círculos que, sendo exteriores à Igreja, não poderão deixar

de reconhecer em S. Paulo uma referência cultural e intelectual incontornável, a quem coube o papel de abrir o judeo-cristianismo ao horizonte helenista de um mundo essencialmente pagão mas em rápido processo de cristianização, operando desta forma a "primeira mudança de paradigma no cristianismo" (Hans Küng). Mas chegamos, neste ponto, a um dos grandes obstáculos que há-de enfrentar qualquer tentativa de evangelização: a dificuldade do anúncio *ad gentes*, ao outro, que nos é estranho e a quem nós não o seremos menos. O "Apóstolo dos Gentios" fê-lo, e continua hoje a ser o nosso maior exemplo para esse *programa libertador de corresponsabilidade para a nova evangelização* que deverá animar a *Diocese em Missão* que somos chamados a ser em 2010. Em permanente reactivação, o Ano Paulino e o ciclo evocativo que dele resultou adquirem um novo significado teológico e pastoral à luz da Missão para a qual, mesmo no caso dos mais *distraídos*, como eu, terá funcionado como ante-câmara de interiorização da mensagem de Paulo e de preparação para uma Evangelização que há-de ser sempre e necessariamente Nova.